



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

DICIONÁRIO DOS FALARES SERGIPANOS DA LIBRAS: REGISTRO LEXICOGRÁFICO DE SINAIS REGIONAIS

VALÉRIA SIMPLÍCIO DA SILVA
JORGE FORTES DOS SANTOS

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

Resumo Este trabalho é resultado de um dos desdobramentos do Projeto "Dicionário dos falares sergipanos de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)", produzido a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Edital nº 02/2015 POSGRAP/COPES/UFS, uma pesquisa realizada a partir da coleta e catalogação de sinais variantes de Sergipe a partir da sinalização de usuários proficientes da LIBRAS, no estado. O objetivo deste trabalho é mostrar o processo da representatividade documental desses sinais regionais variantes que ocorrem em Sergipe, em forma de mídia. Utilizamos como base teórica, principalmente, os estudos sobre lexicografia. Os resultados encontrados nesta pesquisa nos levam a conclusão de que mapear a língua de sinais é essencial para documentar a mesma, uma vez que há uma grande lacuna desse registro.

Palavras-chave: LIBRAS. Dicionário. Registro lexicográfico **Abstract** This work is a result of the Project developments "Dictionary of Sergipe speak of Brazilian Sign Language" produced from the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), Notice No. 02/2015 POSGRAP / COPES / UFS , a survey from the collection and cataloging signs variants of Sergipe from the signaling proficient users of LBS in the state. The objective of this work is to show the process of documentary representation of these regional signals variants that occur in Sergipe, in the form of media. We used as theoretical basis, mainly studies of lexicography. The findings of this study lead us to the conclusion that map the sign language is essential to document the same, since there is a big gap that record. **Keywords:** LIBRAS. Dictionary. Lexicographical record

Introdução Na Comunidade Surda Sergipana, tem-se identificado criação de itens lexicais (sinais)

da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) que podem otimizar o processo de ensino-aprendizagem, mas estes sinais precisam ser catalogados, registrados e divulgados para os estudantes, tradutores/intérpretes, professores, pesquisadores da área e demais comunidades. A falta desses registros, escrito e/ou virtual, tem motivado docentes e discentes da Universidade Federal de Sergipe (UFS) a pesquisar junto aos usuários sergipanos da LIBRAS, os sinais regionais dos falantes da LIBRAS no Estado de Sergipe. Essa motivação surge e se situa nas diferenças linguísticas interpostas entre aqueles que se expressam pela LIBRAS. São discussões que envolvem surdez, LIBRAS e variações linguísticas que foram fomentadas, também, no Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED). Tendo em vista a predominância dos sinais da LIBRAS de outros estados e regiões registrados em forma de dicionários e glossários, e as variações linguísticas regionais que ocorrem nesta língua, assim como em todas as línguas de sinais e línguas orais, principalmente nos países de grande extensão territorial, como o Brasil, tornou-se evidente a necessidade de uma obra que contemple, de modo mais abrangente, a LIBRAS, com o registro das variantes do estado de Sergipe. A partir dessa constatação, surge a necessidade de projetos com o objetivo de produção de dicionários e/ou glossários com o objetivo de aumentar a representatividade geográfica da documentação lexicográfica da LIBRAS, dando maior atenção aos estados das regiões Sul, Nordeste, Norte, e Centro-Oeste, uma vez que os dicionários de LIBRAS que circulam são predominantes da região Sudeste. Nesse contexto, nasceu o “Projeto Dicionário dos Falares Sergipanos da LIBRAS”, que vem ao encontro da necessidade de catalogar, registrar, publicar, divulgar e disseminar os itens lexicais criados e usados pelos falantes desta língua em Sergipe, sob a fundamentação teórica da Lexicografia, com a finalidade de aumentar a representatividade documental desses sinais regionais. Este projeto busca dar uma contribuição a essa representatividade por meio do registro lexicográfico dos sinais criados e usados no estado de Sergipe, empregando procedimento padrão de pesquisa lexicográfica, perpassado pelas etapas de levantamento e seleção de bibliografia, pesquisa de campo e análise de dados. O “Projeto Dicionário dos Falares Sergipanos da LIBRAS”, define-se como um dicionário regional bilíngue - Português/LIBRAS, que se propõe a atender as necessidades de registrar a formação de novas unidades lexicais, ou seja, os sinais próprios do Estado de Sergipe e servirá como material didático/pedagógico para subsidiar alunos, instrutores, tradutores/intérpretes, professores e demais participantes da comunidade surda, além disso, contribuirá para a difusão da LIBRAS na UFS e fora dela. **Contextualização histórica do registro das línguas de sinais no Brasil e no mundo** As primeiras iniciativas de registrar de alguma forma a língua de sinais aconteceram na França com a Língua de Sinais Francesa: L'Épée, em 1776; Ferrand, em 1897; Sicard, em 1808; Bébien, em 1825; Valade, em 1854; Pélissier, em 1856). (MARTINS, 2012, p. 32). Segundo Mirzoeff *apud* Martins (2012), em 1817 Roche Ambroise Bébien acreditava que a única forma de salvar os sinais da degeneração seria a invenção uma

forma para registrá-los. Para ele, a solução para escrever os sinais seria decompô-los em suas unidades gestuais mínimas elementares. No seu sistema de escrita, que ficou conhecido como mimegrafia, o registro dependia da identificação da menor unidade de gestos básicos demarcando um caractere separado para cada um deles. De acordo Sofiato (2011), o trabalho de Bébian ficou perdido por quase duas décadas. E, somente em 1850, Remi Valade, apesar de ter ideais oralistas, assumiu o projeto de Bébian, que consistia na criação de um dicionário descritivo da língua de sinais, no entanto Valade acabou considerando que a escrita mimigráfica era absurda e as anotações de Bébian muito confusas. Dessa forma, o dicionário de Valade consistiu em uma lista de palavras em Francês, cada uma seguida por uma descrição verbal dos sinais gestuais correspondentes. Sempre que Valade considerava necessário, adicionava desenhos de traços estilizados e representava os movimentos dos sinais com figuras sobrepostas. (MARTINS, 2012, p. 37) No Brasil, o primeiro registro da Língua de Sinais Brasileira é datado de 1875. Foi intitulado A Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos. Trata-se de um manual ilustrado de autoria do surdo Flausino José da Costa Gama. O primeiro dicionário da LIBRAS publicado no país, foi o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla & Raphael, 2001a, 2001b), que documentou um léxico de cerca de 5.000 sinais. Destes, 99,93% foram coletados na região Sudeste (sendo 4.280 sinais em São Paulo, 26 no Rio de Janeiro e 18 no Mato Grosso do Sul); 0,023% na região Sul (1 sinal no Rio Grande do Sul); 0,023% no Centro-Oeste (1 sinal em Goiás); 0,023% no Nordeste (1 sinal na Bahia) e nenhum no Norte. (CAPOVILLA, 2012, p. 12).

A variação linguística da LIBRAS e o registro lexicográfico A LIBRAS apresenta variedades linguísticas. Essas variedades entre os surdos cariocas, paulistas, paraenses, sergipanos, são permeadas de uma relação não neutra, assimétrica e muitas vezes conflituosa, tornando uma variante mais prestigiosa do que a outra. Fato observado em alguns sinalizadores ouvintes e surdos nas relações de poder que envolve a escolha de um determinado sinal e pela resistência em aceitar a pluralidade de sinais ou a variação da língua. Nem sempre esses sinais são registrados, compreendidos e reconhecidos pela comunidade surda. Tal fato interfere, tanto no processo de aprendizagem da pessoa surda na sua formação acadêmica, quanto no próprio ensino da LIBRAS. Tendo em vista as variações linguísticas regionais que ocorrem na LIBRAS, assim como em todas as línguas orais e de sinais faladas no mundo, torna-se evidente a necessidade de uma documentação que contemple os itens lexicais (sinais) da LIBRAS explorando regiões do país e o léxico utilizado pelos seus usuários, com o objetivo de aumentar a representatividade geográfica da documentação lexicográfica da LIBRAS com os sinais regionais. Entende-se Lexicografia como a disciplina que estuda o léxico e os mecanismos sistemáticos e adequados de conexão entre o componente léxico de uma língua e os demais componentes gramaticais, como fonte real de criação e de formação de novas unidades lexicais (FAULSTICH, 2003, p. 11-31). E, segundo Biderman (1978) o léxico de uma língua engloba o conjunto de signos linguísticos por meio dos

quais o homem não só se expressa, se comunica, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização, mas também em outras civilizações. Os registros lexicográficos são grandes contribuições para a aquisição e a divulgação de conhecimento sob a perspectiva social, linguística, cultural e pedagógica, transmitindo e preservando os saberes de um povo. A lexicografia das línguas de sinais e as pesquisas relacionadas a essa área se configuram como um campo da Linguística bastante restrito por sua pouca produção. Grande parte das pesquisas nessa área se ampararam até então nos estudos genéricos da Linguística, dedicando-se à descrição e coleta de sinais e à organização de dicionários e de manuais em algumas partes do mundo. Assim como nas línguas orais, o registro léxicográfico das línguas de sinais pode ser feito por meio de dicionários, glossários ou manuais. **o registro lexicográfico e os resultados** Após a pesquisa de todos os sinais que compõem o Dicionário dos Falares Sergipanos da LIBRAS, esses sinais foram filmados e gravados em vídeo por usuários da LIBRAS. Esses sinais, além de filmados, foram registrados em Signwriting (Sistema de Escrita de Línguas de Sinais) por ser o sistema de escrita de sinais mais aceito pela Comunidade Surda e por ter sido o sistema adotado pela UFS no curso de licenciatura Letras LIBRAS. O sistema Signwriting foi criado pela norte-americana Valerie Sutton, por volta da década de 1970, na Universidade de Copenhague, na Dinamarca. Sutton criou um sistema para grafar balés tradicionais, o Dancewriting, que despertou a atenção de pesquisadores da língua de sinais Dinamarquesa na Universidade de Copenhague. Esses pesquisadores viram naquela escrita uma possibilidade para notação dos sinais utilizados na comunicação/interação das pessoas que fazem uso desta língua visual. Surgia então, na Dinamarca, o primeiro movimento para grafar as línguas de sinais. (DALLAN, 2009). O Signwriting é uma escrita visual direta através do qual é possível ler e escrever línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. (BARRETO & BARRETO, 2012). É um sistema internacional e pode ser usado para escrever qualquer língua de sinais do mundo. (SUTTON, 2003). Cada sinal que compõe o Dicionário dos Falares Sergipanos da LIBRAS foi documentado na sua própria entrada individual, listadas a seguir: 1. Verbetes em Português; 2. Soletração Digital; 3. O vídeo do sinal; 4. Escrita visual direta do sinal pelo Sistema Signwriting. As etapas para a execução do registro lexicográfico, após a coleta dos sinais, foram: 1. Gravação do léxico; 2. Transcrição para o Sistema Signwriting e 3. Montagem do Layout final.

A gravação dos itens lexicais consistiu na gravação dos sinais já coletados e validados pela equipe anterior. Para esse momento, contou-se com a colaboração da equipe do Núcleo de Áudio Visual da UFS, que cedeu seus técnicos e estúdio para realizar uma gravação profissional que ofereceria maior qualidade no resultado final. Foram escolhidos três atores para sinalizar os itens lexicais: dois tradutores intérpretes de LIBRAS/Língua Portuguesa (TILSP); e definiram-se as diretrizes para a gravação: uso de roupa escura de cor única, sem estampas ou ornamentos; importância da atenção para o cabelo, tendo o cuidado de

deixá-lo penteado para não cobrir as expressões faciais; o espaço limite para sinalizar, permitindo que no momento da edição, não houvessem perdas no campo de visão do usuário final. Como o estúdio não dispunha do recurso de *teleprompter* (TP), um dos atores falavam as palavras em Língua Portuguesa, enquanto outro ator as interpretava para a LIBRAS, sinalizando os 156 sinais coletados, dentro das 5 categorias escolhidas. Sendo elas: municípios de Sergipe, bairros de Aracaju, pontos turísticos e locais de lazer de Sergipe, instituições de educação superior e bancos de Aracaju. Logo após os sinais serem coletados, iniciou-se o processo de representá-los por meio da escrita de língua de sinais. Utilizou-se o Sistema Signwriting para fazer essa representação gráfica, com o apoio do programa SW-edit. Inicialmente, pensava-se que o procedimento seria fácil, criando a imagem da escrita e a exportando para o layout final; entretanto em reunião com a equipe de edição, foi verificado que a imagem que o programa SW-edit produzia não atendia ao propósito, pois seu tamanho era muito menor do que o requerido para o produto final. Surge aí a necessidade de vetorizar as imagens em Signwriting para torná-las qualitativamente melhores e adequadas ao vídeo. Como nenhum membro da equipe sabia como fazer esse procedimento, o trabalho de vetorização foi realizado por um membro externo que nos entregou as imagens redesenhadas no formato e tamanho ideais para o vídeo. Por causa desse contratempo, o prazo para a edição teve de se estender além do planejado inicialmente, mas nada que atrapalhasse o cronograma geral do projeto. Nessa última etapa do projeto as decisões finais sobre o design e o layout tinham de ser definidas. A equipe de edição forneceu sugestões de como ficaria a mídia e a coordenação do projeto fez as considerações que julgou pertinente. A ideia inicial foi mantida, dessa forma a mídia precisaria apresentar um menu inicial com as categorias, facilmente identificadas, seguido da sequência das palavras sinalizadas. Cada item lexical tinha sua entrada com o vídeo em LIBRAS, a legenda em Língua Portuguesa e a escrita pelo Sistema Signwriting. A forma de apresentar as categorias em língua portuguesa foi escolhida como a mais viável, pois, a maioria dos usuários serão os ouvintes interessados em conhecer os sinais disponíveis no dicionário. Precisou-se definir também a logomarca que identificaria o dicionário bem como as cores e a arte final que comporiam a capa e a contracapa da mídia. Realizou-se uma reunião com um dos membros do Núcleo de Artes Visuais, da UFS, para definir essas questões e o mesmo se dispôs a realizar essa tarefa haja vista a gama de experiência que o setor apresenta nessas questões, sendo o mesmo responsável pela editoração das publicações impressas e digitais produzidas na Universidade. Providenciou-se também um dispositivo de armazenamento removível aos cuidados da equipe de edição com o objetivo de o projeto ser salvo num formato que possibilitasse a entrada de maiores dados posteriormente. **Considerações finais** A presente pesquisa foi fruto de quase um ano de

trabalho, desde a coleta de sinais até o registro videográfico e visográfico, e apesar de todo o esforço em coletar, gravar em vídeo e fazer a escrita dos 156 sinais coletados, o DVD ainda está em processo de confecção. A ideia é continuar com a proposta de coleta de dados em outras áreas e introduzir esses léxicos encontrados no projeto inicial, aumentando o número de categorias disponibilizadas para consulta e conhecimento.

Referências BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é e como se faz.** São Paulo: Edições Loyola. 1999.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios.** Editora do Autor: Belo Horizonte, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do Léxico.** In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. 268 p.

Biderman, M. T. C. (1984). **As ciências da lexicografia.** São Paulo, SP: Alfa.

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D.(Org.). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Edusp/ MEC, 2012. COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade;** tradução Marcos Bagno – 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

DALLAN, Maria Salomé Soares. **Signwriting:** escrita visual para língua de sinais no processo de sinalização escrita. II Congresso Nacional de Surdez. São José dos Campos, 2009.

FAULSTICH, E. L. de J. **Lexicologia:** a linguagem do noticiário policial para uma análise estrutural de campos semânticos. Editora Horizonte. Brasília, 1980. FERREIRA-BRITO, L. **Língua Brasileira de Sinais-Libras.** (Org.) **BRASIL,** Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda:** Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 4ªed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

JÚNIOR, Gláucio de Castro. **Variação Linguística na Língua Brasileira de Sinais – Foco no Léxico.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Brasília, 2011. MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande do Sul.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia.

USP: São Paulo, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília MARIA Luiza Braga. **Introdução à sociolingüística**. 3 ed.1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jerry e colaboradores. **Pesquisa Social Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999. SOFIATO, C. G. (2011). **Do desenho à litografia: A origem da língua brasileira de sinais**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.

* Professora da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Letras Estrangeiras/DLES, no Curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS; Mestre em Educação pela UFS; Especialista em LIBRAS, Educação Especial e Educação Inclusiva. Membro do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência. Email: vsimplicyo@hotmail.com

. ** Tradutor Intérprete de LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe/UFS, do Departamento de Letras Estrangeiras/DLES, no Curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS; Graduado em Letras Vernáculas; Proficiente no Uso e Ensino da LIBRAS; Proficiente em Tradução e interpretação da LIBRAS. Email: jorgelibras@yahoo.com

.br

.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: